

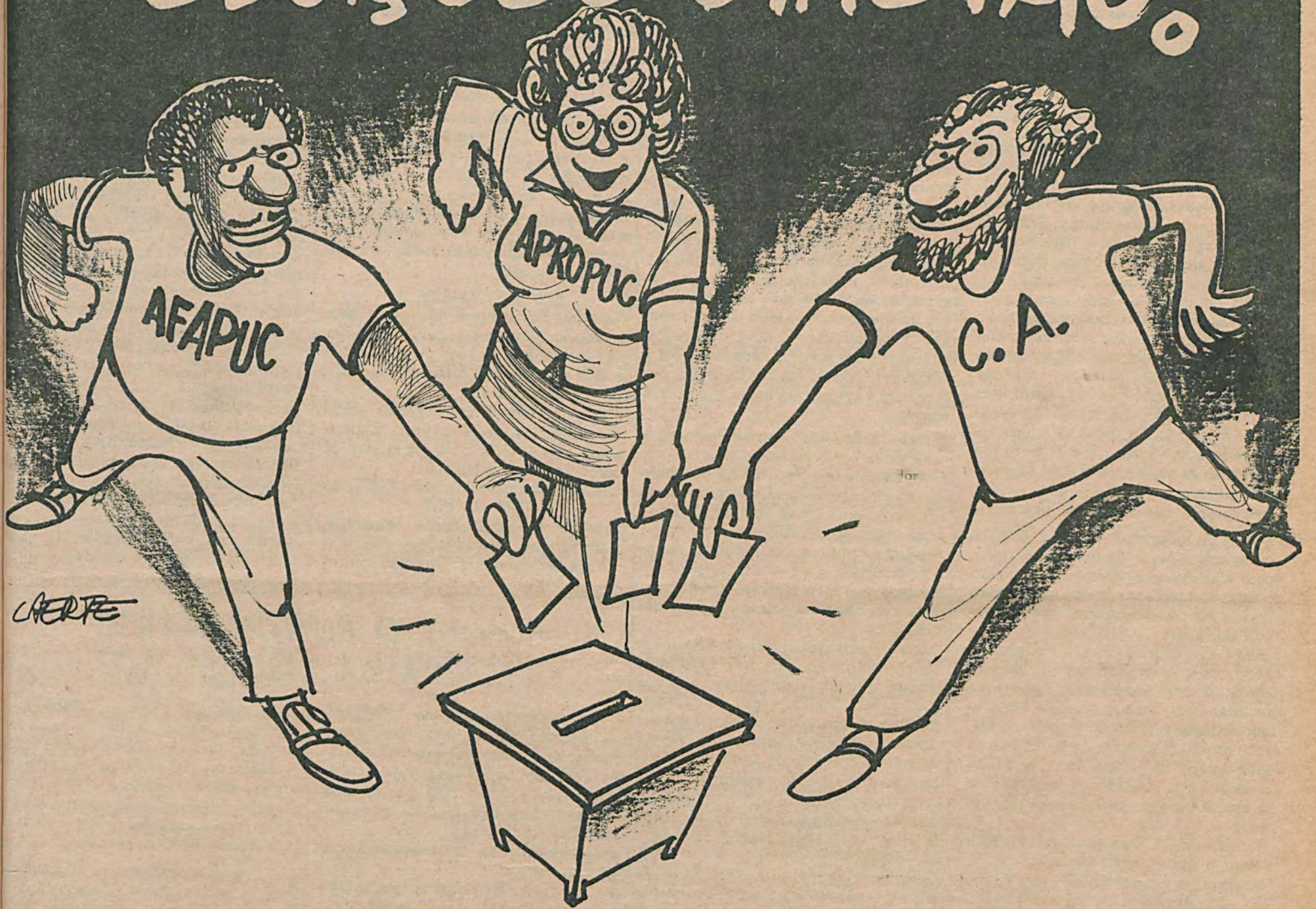
15 PORANDUBAS

“porã’duba; pergunta, notícia.”



BOLETIM INTERNO DA PUC - SÃO PAULO — ANO II — OUTUBRO — SALA DE COMUNICAÇÃO

... NÓS JÁ TEMOS
ELEIÇÕES DIRETAS!



Democracia Universitária

Afinal, apareceu a AFAPUC. Os funcionários já têm sua Associação. Há grande curiosidade de todos os setores sobre os planos, idéias, esperanças dos membros da primeira Diretoria eleita. Ela está formada pelo Geraldo Silvério (Presidente, 27 anos de PUC, assistente da Fundação S.P.), Sebastião Guedes (Vice, 16 anos de PUC, trata de questões trabalhistas), Edwaldo Brito — o "Vasco" — (2º Secretário, na PUC há 9 anos, Deptº Pessoal), Isaías Dantas (1º Tesoureiro, 3 anos de PUC, almoxarife), além de Reinaldo Fondello (1º Secretário, 9 anos de PUC, Assist. Administrativo) e João Gimenez, 5 anos de PUC. Sorocaba) que estavam ausentes. Há muito por fazer e rumos para encontrar.

NASCIMENTO DA ASSOCIAÇÃO
Geraldo Silvério: Em princípios de 77, talvez por influência da fundação da APROPUC e sentindo falta de nossa união e para dar presença mais marcante do funcionário aqui dentro, um grupo arregaçou as mangas. Mandaram questionários em julho do ano passado: 84% das respostas eram favoráveis. Em princípio de maio de 78 houve uma reunião geral para elaboração dos estatutos. O projeto foi apresentado a 10 de junho numa segunda assembléia. Formou-se uma Mesa que integraria as emendas e apresentaria o novo texto em 1º de julho quando foi afinal fundada a Associação dos Funcionários Administrativos: AFAPUC.

DECISÃO DE CANDIDATAR-SE
Sebastião: Realmente nunca pensei em me candidatar. O problema é que a Universidade cresceu muito nestes últimos anos e os funcionários foram se dissociando. Isto por que muitas faculdades isoladas se agruparam em torno dos campi de Monte Alegre, Marquês de Paranaguá e Sorocaba, daí a necessidade de mais funcionários (inclusive parece que em Sorocaba tem uma associação de classe, de toda cidade). Fui procurado pelo Geraldo ele me propôs o seu plano de trabalho e eu aceitei. A gente vê aqui problemas sérios, que eu não chamaria de injustiças, mas que deveriam ser resolvidos. Há distorções salariais — até foi criada uma Comissão que não atendem a todos os interesses. A Associação deveria levar de forma impessoal os problemas para a Reitoria e, sempre ao lado dela, lutar se for preciso pelo direito do funcionário.

Vasco: Eu fui pego de surpresa. Desde o início era a favor de uma Associação, para unir os funcionários e analisar caso por caso. Aceitei porque me senti seguro devido ao relacionamento com o pessoal da chapa.

Isaías: Trabalhei 6 anos na Alcântara Machado e o relacionamento dos funcionários era interessante, como uma família. Com 3 anos de PUC, percebo um desligamento total: é como se fossem firmas diferentes. Às vezes não se sabe o nome da pessoa, nem "bom dia" se fala. Vi na AFAPUC a possibilidade de que a PUC se torne uma família de novo.

Geraldo: É, a Universidade, cresceu muito e houve uma dispersão. O Dr. Bandeira — antigo reitor — era o chefe, todo mundo se relacionava com ele, era um "patriarcado". Daí o Estatuto foi modificado, veio um Reitor e 3 Vices, veio a anexação de Sorocaba em outro campi, digno, campus-contínuo fazendo confusão entre campi/campus (risos). Veio a dispersão: estamos totalmente separados da Matemática e de Sorocaba. Com a dispersão veio também um clima de "suspensão". A gente se sentia inseguro, com medo de perder o emprego. Ultimamente o clima melhorou, e pretendemos unir os 3 campi.



GERALDO, VASCO, REINALDO, ISAÍAS, SEBASTIÃO



Afapuc

Funcionário começa a ter vez

"O QUE O FUNCIONÁRIO ESTÁ QUERENDO?"

Sebastião: Acho importante uma conscientização dos funcionários agora no começo. Em geral, muitos colegas da gente, por falta de experiência de associação, não sabem o alcance de algo de coisa. Há quem pense que a AFAPUC é para criar festinhas — também vai haver — e futebol. Devemos decidir em assembléia a fixação de uma taxa. A gente vai esclarecer mais sobre os direitos do funcionário. Assim eles vão chegar à gente, com seus problemas e vamos dar um jeito de encaminhá-los.

Geraldo: Quando os funcionários começarem a ver os benefícios, vão querer filiar-se.

Vasco: Acho que devemos educar o nível de servente. Às vezes me aparecem com dificuldades familiares, ou então ficam incompatibilizados com o encarregado e uma coisa mínima torna-se séria. Isso já ocorreu: muitos foram demitidos por causas simples, coisas momentâneas. Isso é psicológico. Eu mesmo, com meu modesto entender, já contornei bastantes problemas dessa natureza.

Isaías: A participação dos funcionários na campanha, aquele anseio todo mostra interesse por festinhas mas mais que isso, aquela familiarização é importante. Não se deve olhar só para salários.
Sebastião: É, isso é fundamental. Mas já sugeriram que em vez de dar gratificação no fim-do-ano se mandasse uma carta de agradecimento e isso mostra a falta de senso de realidade do dia-a-dia.
QUAL O COMPROMISSO DE VOCÊS?

Geraldo: Fala o presidente (risos). A meta primeira é organizar a Associação. A Reitoria já cedeu uma sala (ou duas) ao lado da APROPUC numa casa lá na Cardoso de Almeida. Depois disso, batalhar para que todos sejam associados, motivá-los com circulares, palestras em Sorocaba, na Matemática. Terceiro, a vida ativa da Associação, cuidar dos aspectos trabalhistas, sem precisar recorrer ao feitor, subfeitor: já vai direto à Reitoria pela Associação. Os objetivos gerais são imensos, a gente pensa em conseguir doações, terrenos, clube de

campo: toda associação — desde que funciona — sempre consegue essas coisas. Finalmente, colocar o funcionário na posição que ele tem direito na PUC: com essa divisão a gente não tem poder. A não ser algum funcionário individual tem poder. É uma parte da co-gestão como falou Dom Paulo mas no conjunto os funcionários nunca reivindicaram nada. A gente prestou tantos serviços à comunidade "puquiã" como os professores e alunos.

E A INTERMÉDICA?

Geraldo: Eu sempre fui muito bem tratado lá. Não estou a par das reclamações mas se houver mau procedimento, se faça uma revisão disso, no que concerne a funcionários.

Vasco: existe uma comissão que estuda esse problema, reclamações. Futuramente a AFAPUC vai ter que opinar. Já recebi bastante reclamações.

RELAÇÕES COM OUTRAS ENTIDADES DA PUC

Geraldo: As mais cordiais possíveis, como sempre. Mas também queremos nos nivelar, termos direito, não sermos

tratados servilmente. Agora, vou frisar: de início a AFAPUC vai ser totalmente apolítica, não vamos nos envolver em política externa da PUC, tipo MDB, ARENA, grevistas. No momento não devemos nos envolver porque isso provoca clima político dentro da Universidade e afasta o pessoal da Associação. Por não vamos tratar do problema da nação. A PROPUC está se envolvendo bastante, problema deles, não tenho nada com isso. Por ora não vamos entrar por aí.

Sebastião: Lógico que em termos de governo a gente não vai se meter mas, de greve, pode ser que com o tempo a gente fale.

"VAI FICAR TUDO NAS COSTAS DO PRESIDENTE?"

Geraldo: De acordo com a função, já dividimos as responsabilidades desde a primeira reunião. Vamos criar departamentos para que outros participem e as grandes decisões por hipótese, uma greve — ou modificação e enquadramento salarial — serão tomadas em assembléia.

FUNCIONÁRIO NO GOVERNO DA PUC

Geraldo: Isso foi bandeira da campanha. Se houver apoio de todos, a AFA PUC vai lutar para que haja funcionários na alta cúpula da Universidade. Vamos lutar pela modificação do estatuto para que o Vice-Reitor Administrativo seja funcionário, em vez de um professor. Também queremos mais de um representante no Conselho Universitário. A rotina anterior era que o próprio Conselho escolhia nosso representante, porque não havia uma Associação. Nos conselhos onde tiver um professor, deve haver também um funcionário. Isso é nossa meta.

"EM QUANTO VAI SER O AUMENTO DA GENTE?"

Geraldo: Isso é questão de dissídio, resolvido pelo Tribunal Regional do Trabalho. A PUC não pode fugir disso, não pode dar menos que o índice fixado. Por maior salário, se a gente achar que a PUC tenha condições, a gente luta. Agora vamos atacar a questão de distorções. Antecipações, como houve esse ano por aí, vamos tentar caso haja possibilidade da PUC. Não adianta chegar e ir pedindo se depois o empregador não pode pagar. Aqui é diferente dos bancários, que fizeram bem, porque os bancos tiveram lucros extraordinários. Uma das bandeiras da minha campanha foi "INVESTIR NO SER HUMANO". É muito mais prático ter instalações simples mas fundar cooperativas, pagar o estudo do filho do cidadão.

O QUE O FUNCIONÁRIO ESPERA DA ASSOCIAÇÃO?

— "Seriidade, honestidade"
 — "Eles têm que ser justos tanto com os funcionários como a empresa"
 — "A gente espera que trabalhem no sentido de beneficiar os funcionários, ajudando-os a participar dentro da Universidade. O estudante fala, fala. O professor fala, fala. O funcionário ainda não tem vez".

— "Compromisso com a vitória estourada que tiveram".

— "Queremos cooperativa, assistência de saúde, odontológica (porque a Intermédica só faz arrancar os dentes da gente), econômica e geriátrica".

"Os objetivos da nossa chapa seriam semelhantes até certo ponto à do Geraldo, que ganhou as eleições. As diferenças seriam mais quanto a estilo de trabalho. A gente visaria exclusivamente aos funcionários, sem atividade política.

Como é a primeira Diretoria, os problemas iniciais seriam os mais visíveis. Por exemplo, é preciso uma reformulação salarial (tem gente ganhando menos do que merece e vice-versa), regras de promoção, de oportunidades, mais claras para se evitar, eventuais injustiças.

É preciso mais efetiva participação do Funcionário na vida universitária. O Funcionário deveria ter voz ativa, como os Professores que são respeitados por causa da Associação deles.

Espero que a Diretoria cumpra o papel de ser a primeira: seu principal trabalho deve ser organizar e fortalecer a entidade, aumentar o número de sócios, promover cursos e informar as bases de tudo o que faz." **J. Tarcísio de Carvalho Neves**, candidato a Presidente pela chapa Participação.

Movimento



Estudantil

“Qual o significado político das tendências de vocês? O que é responsável por essa ‘portuguesização precoce?’”

“O Movimento Estudantil sempre surge mais fortemente em momentos de transição dos regimes, ou para endurecimento ou para liberalização. Quando os regimes estão mais estáveis, o ME se volta para sua organização: o que vocês acham disso?”

“Como está a democracia interna dentro da PUC, entre vocês e suas bases e entre vocês e a estrutura universitária?”

“Relação do ME com os operários, com os partidos, com os setores da população, relação...”

Estas questões foram despejadas sobre as cabeças do Jorge (Psicologia, grupo Proposta), da Eliandre (da Diretoria do D.C.E-77, aluna de História e grupo Unidade) e do Sampaio (aluno de Direito, D.C.E-78 grupo Opinião). Para elaborá-las, PORANDUBAS foi ouvir o Perseu Abramo e a Irede (Folha), o Wanderley (Sociólogo da PUC) e o Sérgio Gomes (OBORÉ, Assessoria de Imprensa). Eis o resultado.

CÚPULAS - BASES

Jorge: Estas perguntas apresentam problemas num nível muito rico. Gostaria de começar pela relação cúpulas - bases do Movimento Estudantil (ME).

Num rápido histórico, a partir de 77, vemos um ME “radicalizado”. O pessoal saiu às ruas, entidades de escolas importantes reconstruídas e livres, DCEs, UEE na ordem do dia, passeatas, mobilização de uma maneira geral. Agora, em 78, houve um número menor de estudantes votando para o DCE. Isto significa que o ME não tem o mesmo grau de mobilização, não estamos saindo às ruas, esse negócio todo. Acho que não se pode desvincular de maneira alguma o ME da conjuntura atual, diferente de 77. Hoje o regime já não consegue dar a tônica: outros movimentos começam a se organizar, vide bancários, professores, médicos, operários. Já não se consegue fazer que esses movimentos fiquem tolhidos, no bochicho puro e simples. Antes o ME estava se mobilizando quase que isoladamente: naquelas passeatas do ano passado, quem saía era mesmo estudante. O regime, este ano está mais enfraquecido, por suas divisões internas, com duas candidaturas com proposta igual, diferença apenas de ritmo para chegar à democracia. O Euler quer a Constituinte para daqui a dois anos e o Figueiredo quer uma maneira lenta e gradual. O ME já não é mais o supra-sumo do movimento popular, é um dos setores. Seu papel é auxiliar dos outros setores populares no objetivo comum que passa necessariamente pelo fim desse regime. O ME não está em refluxo, mas muda seu caráter, procura agora levar essa democracia para dentro da Universidade. Nesta, ou mais liberal ou mais “de direta”, existe uma defasagem entre a direção e os companheiros de grupos, de entidades e também o conjunto dos estudantes. As bandeiras do ME vão-se tornar mais concretas. Assim o ME vai tomar duas lutas: junto com os movimentos populares, desde operários até bancários e pela democratização da Universidade. O ME vai começar a lutar para que o estudante participe da escolha de Reitor, diretores de Centro, departamentos, ao lado de professores e funcionários.

ELIANDRE: quero explicar que tendência «Unidade» deixou de existir, pra gente ela era uma chapa, que existiu por um ano. Como tendência não existe mais. As tendências se distanciam demais do conjunto dos alunos. Então a gente vê que as tendências se manifestam mais nas assembleias, fazem mais análises, mas de forma isolada, restrita. Não nego o valor de uma vanguarda, mas ela deveria surgir da própria sala. Então a gente partiu para organizar as próprias salas de aula, ampliando as discussões, tirando as posições, sobre problemas do curso, chamando os professores. A gente vê, né, que o avanço do ano passado, se deu em cima de bases sólidas, de um contato es-

treito com os alunos. Depois as tendências foram se «radicalizando». A história de 68 mostra bem a que isso pode levar..

PORANDUBAS: A quê?

ELIANDRE: A uma radicalização muito grande e a uma repressão ainda maior. Hoje, mesmo com a situação diferente, sabemos que não dá para deixar as bases, elas é que garantem a continuidade.

PORANDUBAS: Quais os efeitos desta volta à Universidade?

ELIANDRE: Este processo mal começou, mas já temos saldo positivo: uma conscientização, análise do papel do estudante frente a transformação social. Discutimos quais os anseios da classe estudantil, se seriam anseios pequenos - burgueses ou mais avançados. Fizemos também paradas nas salas de Básico, questionando a apatia do estudante frente ao Básico. As sugestões e discussões anteriores morreram porque muitos sentiram impossível uma modificação da estrutura do Básico. Aí vimos que não é passividade mas falta de democracia maior que possibilite ao aluno também elaborar seu curso.

O ESTUDANTE PROVOCA OU APROVEITA TRANSFORMAÇÕES?

SAMPAIO: Por radicalizar algumas posições, o estudante provoca essas rachas, avança algumas posições e atrás vêm os outros setores populares. Agora, o estudante voltou a seu devido lugar, o que não é a vanguarda da sociedade. Os setores populares já estão na nossa frente, eles é que devem levar o processo.

Quanto a manter vínculos com partidos, o ME só depois de voltar às suas bases, em suas reivindicações mais próprias, sem esquecer o movimento popular, então o universitário como indivíduo deveria se engajar em partidos. De jeito nenhum acho que o estudante não deva participar de partidos: existem possibilidade de novos partidos aí, mais representativos que os “partidos” que existem (distribuindo aspas). Há uma reavaliação de uma série de conceitos pelas ditas vanguardas.

PORANDUBAS: que conceitos, concretamente?

SAMPAIO: Já digo. Ano passado a vanguarda devia abrir as rachas, hoje deve aprofundar a consciência do estudante.

O QUE O ESTUDANTE QUER?

SAMPAIO: antes de tudo, Liberdades Democráticas. A turma sente que o nosso momento “parou” (várias aspas). O estudante está querendo realmente estudar, sentir e ver como interir na sua Universidade, o que esta representa para a sociedade, ao lado de acompanhar o processo da sociedade.

JORGE: Você tem gente que quer desde um C.A. mais limpo até aqueles que querem que o cara mais ativo no ME assista aula com ele. No geral, o estudante quer um professor que saiba a matéria, as apostilas gratuitas, ele não quer uma sala superlotada como é a

do Direito, com 250 alunos, um laboratório de Psicologia com condições mínimas de trabalho, o pessoal de Medicina de Sorocaba quer um diretor democrático (sou muito amigo dele, mas em termos políticos é outro papo). Enfim melhores condições de ensino pra atender seus interesses — tenhamos claro — de ascender socialmente, para ganhar seu dinheiro.

O estudante quer que a entidade o ajude a participar das decisões. Mas essas condições de ensino melhores supõem que a Universidade não produza ciência para uma classe dominante, mas que atenda a população de maneira geral, doente, pobre. Apesar de maioria, o estudante é o menos representado na decisão sobre cursos. Mas não se pode considerar essa democracia dentro da Universidade como isolada na sociedade, são duas coisas paralelas.

SAMPAIO: só um apartezinho com relação ao Direito. Para a contratação de professores, queremos basicamente que se obedeça o estatuto da Faculdade: lá temos o problema de feudos, daqui e dali. Se o novo contratado não for um dos condes desse feudo, ele vai dançar.

ELIANDRE: o que o grosso dos estudantes deseja não é só ter profissão visando à ascensão social mas a realização de um anseio de Liberdades democráticas.

PORANDUBAS: Que Liberdades Democráticas é essa?

ELIANDRE: A meu ver, o estudante, mesmo usando de uma estrutura de privilégio, sabe que ela deveria estar a favor de todo um povo. Sobre o historiador, por exemplo, sem palavras. O estudante de História poderá ser quando muito professor, com poucas aulas. Se ele quiser atuar dentro de Liberdades Democráticas, ele vai pesquisar a realidade nacional, atuando de forma direta com a população, e isso foi pouquíssimo feito.

UNIVERSIDADE É “DERRADEIRO PERÍODO DE REBELDIA”?

JORGE: Eu acho que o profissional não esquece sua luta de estudante, não. É um problema muito concreto. É necessário que ao sair da universidade, o novo profissional leve para seu trabalho a vivência que aprendeu na universidade: nos sindicatos, associações de classe. Isso é mais limitado, porque dentro da Universidade a gente faz e desfaz, promove assembleias, debates. Lá fora não encontramos muitas entidades representativas livres. Saímos de uma democracia como a Universidade Católica e já se encontra um regime ditatorial do outro lado da rua Monte Alegre. É preciso inserir-nos na sociedade mais ampla. Outro exemplo bem concreto. Estou trabalhando para um candidato metalúrgico para as próximas eleições. Notei que não existe esse negócio de “desconfiança operária” frente aos estudantes. O candidato me deu dinheiro para alugar uma garagem, fui pra Moóca, bairro de operário que conheço. Depois de um mês fizemos a inauguração do comitê. Presentes, o dono da casa, Seu Vitório, a mulher, uma empregada,

um motorista de táxi, o barbeiro. Eu, como outros colegas, estamos ajudando a organizar a população. Esta é uma forma de responder à suspeita de aburguesamento e de realizar na prática essas liberdades democráticas: mais operários candidatos. Já os setores de classe média, estão muito mais representados.

ELIANDRE: Liberdades Democráticas também é anistia, uma revindicação importante que sensibiliza o povo. Vejo isso na periferia onde também faço campanha por um candidato.

SAMPAIO: Liberdades Democráticas é concreto e abstrato ao mesmo tempo. Ela é liberdade de associação, de opinião. Mesmo no setor de História: é curioso que o pessoal que mais escreveu sobre História do Brasil, depois do Getúlio, são americanos. O historiador brasileiro não tem acesso a uma pancada de informações, que lhe são bloqueadas. Tudo isso, — sabe? — são Liberdades Democráticas, que acabam entrando no problema do aburguesamento. Se a gente está numa sociedade ditatorial, a universidade reflete esta situação, mesmo na Faculdade de Direito em que o aluno não tem a menor possibilidade de intervenção. Essa estrutura da Universidade acaba influenciando o próprio estudante. Mas se invertermos o processo, se a Universidade pensar e influir na nova sociedade, o novo profissional poderá alterar essas instituições geradas para manter o status quo.

PUC + POVO, NO CONCRETO

JORGE: Univ. aproximar-se do povo? Primeiro tirar a matrícula, não ter que pagar mensalidade.

SAMPAIO: A PUC vai ser verdadeira, quando quem a construiu, estudar nela. Mas o sistema em si impede o operário de atravessar o lado de lá na rua.

COMO ATUAR NA BRECHA

JORGE: Outro dia, precisava saber a definição de pronome. Encontrei na biblioteca uma tese de mestrado sobre o pronome “SE”. Deve ser um avanço para a lingüística, mas que interesse tem para o operário? O nego gastou horas e horas e pra quê? Os poucos recursos para pesquisa deveriam ser usados para o trabalhador. Quantos alunos da PUC têm renda familiar abaixo de 5 salários mínimos? Acho que não tem quase nenhum. Isso tem solução? tem sim. É colocar no governo quem é a maioria da população hoje. A gente vai chegar lá, não no “estilo Portugal”, por um levante. O seu Vitório que saiu comigo fazendo campanha pelo operário já tem um início de solução. ELIANDRE: O estudante poderia contribuir na consciência, na organização de um trabalho popular. Na PUC são muitos separados, a associação de professores, de funcionários, estudantes. Sendo a PUC mais democrática, é preciso quebrar com essa setorização das lutas, pensar o que em conjunto podemos fazer pela modificação do contexto que nos cerca. Uma luta conjunta seria a moradia universitária, que a comunidade poderia tentar resolver.



Tendências e Presenças



Apropuc

Esperanças e Angústias

Reunimos 3 professores para avaliar a situação geral dos docentes, da Associação. O papo transbordou para a democracia na sociedade, na PUC e problemas específicos como o do auxiliar-de-ensino. Com vocês, Sérgio Luna — presidente em fim-de-exercício, que aqui não representa a Diretoria; Laurindo Leal F^o — o Lalo, que com um grupo planeja nova chapa; Sandra — que participou como "povo".

PARTICIPAÇÃO NO ATACADO E NO VAREJO

Porandubas: Como vocês sentem a participação do professor?

Sérgio: Esta pergunta é difícil. Nós-Universitários, Professores, APROPUC — estamos num momento também difícil. Tivemos momentos de participação intensa — tipo invasão — e outras ocasiões de muita discussão — tipo atraso de salário. Mas o alcance dessa movimentação e sua manutenção traz dúvidas. Acontece que o problema não desaparece, ele tem conseqüências a longo prazo e nessa hora a participação cai. Por isso a resposta é difícil: a participação oscila e tende a mais a ser uma reação a um problema urgente do que levar suas conseqüências à frente. A meu ver, uma entidade deveria sobretudo levantar os dados dos problemas, suas análises, mais do que levar adiante seu encaminhamento, como parece que tem acontecido. O levar pra frente não é feito pelos professores ou pela comunidade: o encaminhamento sobra para uma diretoria ou para uma pessoa. Uma comissão é mais eficiente que uma comunidade mas se essa comissão de desfizer, a probabilidade de que ninguém vá cobrá-la é muito grande.

OS FILHOS DE 64

Porandubas: Quer dizer, tem gente querendo heróis, né?

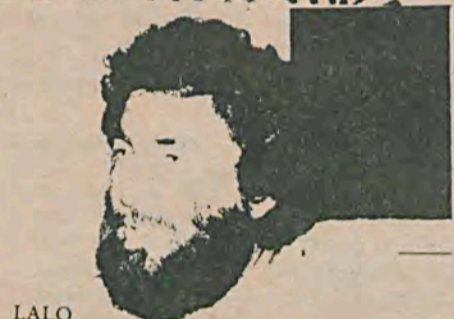
Sérgio: A gente não está precisando de grandes líderes: analisando a história dos professores em geral, vemos que faltam condições no passado das pessoas de se fazer alguma coisa. Por exemplo, na época da invasão sugeriu-se a criação da CEI (Comissão Especial de Inquérito). Muito bem, vamos fazer a CEI. Só que basicamente a Diretoria, teve que tocar os encaminhamentos. Mas chegou o momento crucial de levar pessoas a escreverem e a assinarem um relatório sobre o que ocorreram. Não foi fácil: é violenta a desproporção entre os muitos que falaram e os poucos que escreveram. Dentre os que escreveram, precisávamos de alguns que fossem à CEI dar seu depoimento pessoal. Aí a dificuldade triplicou. Não é má vontade das pessoas. Os atuais professores na faixa entre 28 e 32 anos — que é muito grande — em 64 estavam no ginásio ou pouco mais. Esse pessoal não teve a boa fase pré-64 da Universidade. Você não pode esperar de uma professor que só viveu uma fase de tortura, de repressão, que vá tranquilamente à Assembléia Legislativa dar seu testemunho de espancamentos, perante deputados da ARENA, MDB e DOPS que estará gravando tudo.



SÉRGIO



SANDRA



LALO

BASES E VANGUARDAS

LALO: É frustrante marcar uma assembléia sobre coisas importantes, como luta salarial, e ter 30 a 40 professores de um total superior a mil. Este fato deve ser analisado dentro do contexto da sociedade mais ampla à qual foram impostos 14 anos de silêncio que destreinou todas as categorias profissionais de qualquer participação. Além disso, parte dos professores tem vínculo frágil com a Universidade e com sua profissão: esta é um apêndice da atividade profissional "verdadeira". Esta reconscientização do que é uma democracia começou em 74 — com a maciça votação anti-governo. De lá para cá tornaram-se mais amplos os canais de participação surgidos da própria base: a APROPUC é um exemplo disso. Se esses canais surgiram com ajuda de uma vanguarda, hoje essa vanguarda tem que ampliar a participação, sob risco de se isolar das bases. Chegou a hora de se institucionalizarem canais formais de representação, tipo comitês de fábricas. Em níveis de professor, deveria haver representantes das unidades menores da Universidade, como Departamentos. Queremos assim comprometer — num 1º momento o maior número de pessoas com a Associação, criando-se um processo de multiplicação.

AUXILIAR DE ENSINO: O MAIS LESADO

Sandra: Quero trazer um caso concreto, do qual eu participei. Era uma comissão sobre enquadramento, que acabou se perdendo por falta de apoio da APROPUC. Conseguir alguns dados dentro desta Universidade é

uma dificuldade imensa. Em 68 participei ativamente e até hoje trago esse espírito mas não consigo atuar por causa das minhas condições de trabalho aqui. Por isso é que não se leva adiante o espírito que uniu a todos no 22 de setembro.

Não nos falta um líder. Falta é um pouquinho de abertura que me vai levar a dar o passo. Essa abertura não veio na associação. No caso da comissão de enquadramento de que participei, com o tempo sobraram apenas 3 ou 4 pessoas, que montaram um projeto baseado numa pesquisa. Esta proposta acabou sendo levada diretamente à Comissão de Enquadramento Oficial, que pelo menos a estudou.

SÉRGIO: O que a Sandra falou tem que ser faturado, pois ela se envolveu pessoalmente como membro de uma comissão. Contudo, deve ser colocado em contexto mais amplo. O momento de montagem dessa comissão nos encontrou desanimados. Quem levantou esse problema foram os auxiliares de ensino, os mais lesados nessa brincadeira toda de enquadramento. Com um excesso de requisitos como o Pós-Graduação que é caro. Então, agora em maio/78, a gente comprou mais essa briga e nos vimos sem retaguarda, com menos de 30 pessoas presentes numa mesa-redonda. Nessa reunião o representante mais difícil de conseguir foi justamente o auxiliar de ensino.

Nesse momento, tínhamos muitos problemas ao mesmo tempo, inclusive eleições. Ou a gente segurava a proposta, para pensar nela mais tarde, ou mandava para o Conselho de Ensino e Pesquisa do jeito que veio, com a ressalva de que a Diretoria da APROPUC não a tinha discutido. Esta última foi a nossa posição.

O QUE APROPUC CONSTRUIU

Sérgio: Nosso trabalho como Diretoria, não conseguiu conciliar as prioridades de um programa amplo com as milhares de questões trazidas pelas Assembléias. Então eu devolvo o problema, "como apoiar uma diretoria que acabou reduzida a 4 pessoas, encarregada de 50 decisões de assembléia". Além disso, nossas 40 horas permanecem, nossas Pós-Graduações, etc.

Às vezes tenho a impressão de que a APROPUC cresceu mais fora do que dentro da PUC. Por exemplo, nos debates da Semana da PUC, percebi que professores sequer sabiam da existência da entidade. No entanto, ela é convidada por grupos como o Centro de Estudos da Religião para o culto do Prof. Douglas. Custo de Vida, Comitê pela Anistia, e outros movimentos desvinculados da Universidade, arrastam a APROPUC desde a primeira hora.

Mas a APROPUC também é considerada na PUC, sendo convocada por vários órgãos da Universidade para dar contribuição, embora ela esteja à margem da estrutura. Vários professores recorreram a nós devido a problemas trabalhistas.

"DCE — LIVRE DOS PROFESSORES"?

LALO: A APROPUC surgiu quando os salários estavam 3 meses atrasados. Pergunto ao Sérgio: havia um projeto mais amplo? Combateu-se na USP esse tipo de associação como se fosse um "DCE-Livre dos Professores", à margem da estrutura oficial. Assim, com um projeto meio nebuloso, sem democracia no País e uma FEDERAÇÃO DE PROFESSORES pelega muita coisa se canalizou para a APROPUC. Vocês foram chamados a se manifestarem sobre carestia,

anistia, demissão de professor, (Sérgio: até Dia Nacional da Saúde).

LALO:... e outras coisas. Fica difícil definir o papel da Associação e cobrar sua Diretoria de compromissos que não assumiu.

SÉRGIO: A APROPUC começou de uma forma meio estranha. Em vez de chapas, programas, o pessoal que começou pensando numa perspectiva de entidade, já ficou na Diretoria Provisória de 3 meses e teria ficado de vez se não se tivessem negado a isto. Fica patente um esquema de acomodação. O programa de trabalho da Diretoria eleita foi montado em base a respostas de questionários. Outra coisa muito dolorida foi que a Diretoria não foi montada sobre o esquema de afinidades, mas a partir de pessoas mais votadas, numa composição aleatória. Por sorte que não nos desgastamos, conseguindo entender-nos bem. O terceiro problema é que nos percebemos respondendo ao "que vai acontecer hoje à noite". Entre decidir "não participaremos de nada que não venha com antecedência de 30 dias" ou "participar de tudo o que der, prá na última hora a gente decidir se vale a pena ou não", optamos por esta possibilidade. A cada comparecimento nosso, era um rabo de um ano, com comissões, documentos.

E OS PRÓXIMOS DOIS ANOS?

LALO: Há um grupo que vem se reunindo para estudar a atuação eventual de uma nova Diretoria. Convocamos abertamente a todos os professores, evitando uma chapa tirada do bolso do colete, ir lá concorrer. Discutimos pontos mínimos comuns e nesse processo devem surgir os possíveis nomes para uma chapa. Assim evitamos uma falta de identidade política, e até pessoal, entre os membros de uma chapa.

Nossa discussão dividiu-se em 3 pontos, funcionamento interno e atuação da APROPUC, depois o problema das condições de ensino e trabalho do professor e finalmente nossa luta pela democratização ao lado dos outros setores. Quanto ao primeiro ponto, pretendemos criar canais de representação para forçar maior participação dos professores. Queremos também tomar maior parte possível nas decisões da Universidade, não através da APROPUC, mas pela democratização da PUC. Esta situação só será conseguida através de uma reforma dos Estatutos. Talvez a Associação perca no futuro algumas das suas funções, quando os professores tiverem atuação ampliada nas decisões da Universidade. Outro ponto importante é incentivar ao máximo a inscrição dos colegas na APROPUC.

RELAÇÃO COM OUTRAS ENTIDADES

SÉRGIO: Não falo da relação com a Associação de funcionários porque até agora não existia. Quanto aos alunos, há propostas, como mais verbas, sobre taxa endossáveis. Contudo, às vezes — como numa greve — a melhor maneira de endossar é não participar. Nessa hora temos que continuar trabalhando, porque é o professor em sala-vazia que justifica uma greve. Também enquanto não nos organizamos nem tivermos idéia clara do que vai em outros setores — operário por exemplo — a participação direta pode atrapalhar. Para mim endossar não significa fazer o mesmo que o outro faz; mas é organizar-se e ver de que forma específica se é afetado por problemas comuns.



1ª Semana da PUC:

Encontro Consigo Mesma

"A saída, onde está a saída? Não aceitamos a posição conservadora do tipo 'você critica? mas, que solução você dá?'. Também não aceitamos uma visão de tal modo calamitosa que só falta um deus vir recolher os cacos".

Com esse comentário o Prof. Casemiro, cuja área teve a iniciativa da I SEMANA DA PUC, encerrou o Fórum final de debates, dia 13/10. Prometeu publicar os debates e mesas-redondas, "para romper o privilégio da informação". A profa. Lúcia Santaella Braga, coordenadora da Semana, ressaltou características comuns aos encontros: valorização da interdisciplinariedade, necessidade de uma revisão curricular e corrigir a burocratização administrativa através da revisão de estatutos. Enfatizou-se também a importância desta pri-

meira explicitação ideológica da PUC como um todo.

Com insistência, os estudantes manifestaram sua desconfiança na burocracia, certo cansaço diante dos órgãos oficiais colegiados. Foi forte sua exigência de se encaminhar e concretizar o fruto desta Semana.

Realizada de 9 a 13/10, a Semana teve como atividades 4 mesas-redondas, que levantaram questões depois debatidas em grupos interdisciplinares de professores e alunos. A seguir, dias 11, 12 e 13, os debates se concretizaram nas Faculdades, terminando por um Fórum.

As mesas-redondas quase sempre lotaram a parte de baixo do TUCA e os grupos de estudo contaram com frequência média de 200 pessoas. Apenas se lamentou o esvaziamento dos debates por Faculdades.

1ª Mesa Redonda

Universidade-Realidade Brasileira

AS CAMADAS POPULARES

EDÊNIO VALLE: Qual o sentido de "Católica" apostado ao nome de uma Universidade? Qual o sentido de discutir "Católica" num debate sobre Univ. e Realidade Brasileira? O sentido desta palavra não deve ser entendido "confessionalmente", mas "universalmente" (origem etimológica do termo). O projeto de Universidade Católica nascido no pós-guerra e vivo até meados dos anos sessenta, deve ser superado por uma nova compreensão que nasce de duas vertentes. De um lado, o específico da própria Univ. entendida como lugar de elaboração crítica do conhecimento baseado na pesquisa e na abertura ao humano global, passando necessariamente pelo histórico, político-social, econômico e pelo cultural. De outro lado, a sintonia com a definição que a Igreja dá de sua missão: um compromisso concreto com a mudança social, fazendo justiça social a partir do Evangelho. Assim, a PUC-SP toma uma posição a favor dos "pobres", das camadas populares.

SENSIBILIZAR OS INSENSÍVEIS

JERÔNIMO STECCA, de Sorocaba: É necessária uma vinculação entre o ensino e a pesquisa inovadora, voltada para nossa realidade. Os problemas de saúde estão relacionados com a estrutura da sociedade. É por isso que se faz pesquisa contra arteriosclerose, problemas cardiológicos que não têm nada a ver com a maioria do nosso povo.

A Universidade e a área médica devem ter o coragem de sujar as mãos, saírem da torre de marfim. É preciso formar uma política global da saúde, que seja curativa e preventiva: devemos forçar o governo para mudar sua linha de atuação. A Universidade não pode formar profissionais de saúde para alimentar seu próprio status, ser médico de consumo. Devem formar-se médicos que integrem equipes ao lado de outros profissionais enfermeiros, sanitaristas, engenheiros.

A grande meta da Univ. é que o jovem — representação da dominação



Gadotti, Stecca, Álvaro, Casemiro, Edênio, Graça, Ianni

— seja motivado, não emocionalmente mas maduramente.

APRENDER COM OS DESERDADOS

MOACIR GADOTTI: Toda Univ. é necessariamente política, porque reflexo da política e da sociedade dada. Ela pode ser instrumento de mudança social? A Univ. é uma caixa de ressonância da sociedade, está sempre atrás desta. Por isso ela reflete — mas não de forma mecânica — o conflito da sociedade: a classe dominante não é monolítica em sua dominação. A tarefa revolucionária da sociedade dependerá do avanço da sociedade civil e político-partidário.

O salto da reprodução para a renovação é preparado pela solidariedade dos setores. A verdadeira maneira de a Univ. se reeducar é partir para a educação popular, ultrapassando seus muros e aprendendo com os deserdados da sociedade. Mas, se estamos satisfeitos com a sociedade colonizada, devemos continuar formando cidadãos obedientes, tomando o talento dos jovens para convertê-lo em lucro destinado a uma minoria. A esperança está na insatisfação, na desobediência organizada. Nada é mais deprimente que um aluno e um professor satisfeitos. Nossa formação não foi para criar alternativas válidas, uma fisionomia da Univ. nova, pois as regrinhas de Brasília estão desfiguradas já que foram geradas nos laboratórios da abstração. Se a Univ. conseguir atrair os trabalhadores e seus filhos, estaremos no bom caminho.

POR QUE A DITADURA ESTÁ AÍ?

OCTAVIO IANNI — A Univ. é criativa quando se volta para a realidade brasileira, contra os interesses das fundações, dos governos ilegítimos e dos interesses do grande capital. Os planos de desenvolvimento procuram atrelar a atividade científica às multinacionais, já desde o MEC-USAID. Não entram no horizonte dos tecnocratas os problemas das várias camadas sociais: daí a necessidade da democratização da sociedade para que as reformas não sejam conduzidas por tecnocratas.

As ciências sociais têm desenvolvido seu trabalho a despeito dessa situação: elas não escamoteiam o problema

do poder. No Brasil este é sempre autoritário e suas tendências altamente ditatoriais são superiores às democráticas. Por que a ditadura está aí? Resurge uma velha tese de que é responsável pelo autoritarismo brasileiro a aliança histórica da fraca burguesia nascente com os latifundiários.

O golpe de 64 tenta suprimir como uma pata as inquietações sociais. Não o conseguiu. Prova disso são os movimentos de operários e outras classes. O empenho insólito e paradoxal de uma ditadura as propor a abertura mostra que as contradições sociais se agravam no conjunto da sociedade brasileira.

EDUCAÇÃO NECRÓFILA

MARIA DA GRAÇA, representante dos alunos: Numa análise das relações entre a estrutura educacional e a sociedade é preciso um posicionamento ideológico prévio, ou do ponto de vista da classe dominante ou da dominada. A Univ. reflete a orientação burguesa, baseada no autoritarismo. A Univ. se desvincula dos interesses da maioria do nosso povo. A pretensa neutralidade da Univ. é um mito para encobrir seus laços estreitos com o regime ditatorial que destruiu todas as entidades estudantis livres, montando uma estrutura antidemocrática de poder universitário. Estas medidas atingiram de frente o nível de ensino, seguindo uma tradição colonial e elitista. Assim, não temos produção científica própria nem pesquisa. Também, desde o critério de seleção de alunos, de programas, está a continuidade da exploração burguesa. A forma de nos relacionarmos com o curso é no mínimo necrófila. Presos à sala de aula, sem saber o para quê do "pacotinho" dos currículos, somos levados a uma boa adaptação profissional ao sistema.

Embora sem um projeto alternativo de universidade, nossa mobilização impede muita manipulação. Professores, alunos e funcionários devem unir-se para efetivar uma universidade democrática, antagônica à que temos. É preciso um conhecimento interdisciplinar que supere a fragmentação homeopática dos nossos cursos e o afastamento da realidade brasileira.

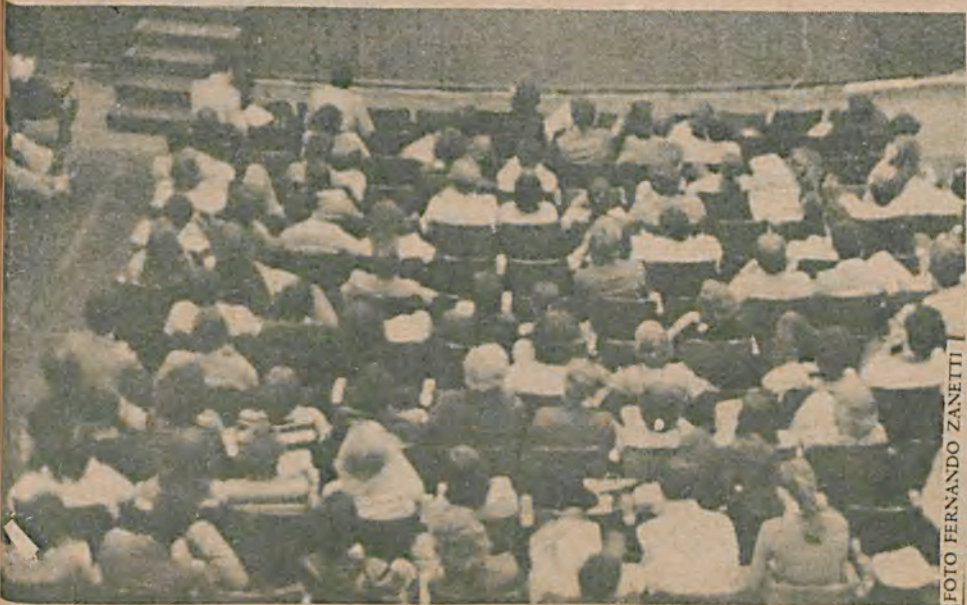


FOTO FERNANDO ZANETTI

2ª Mesa - Redonda

Formação de Profissionais

QUAL A NOSSA OPÇÃO?

MARCOS MASETTO: Há um fato inegável; a Universidade está formando profissionais. Esta formação se dá através das diferentes pesquisas, cursos. Aqui podem-se distinguir duas linhas mais comuns:

1 — Há quem defenda que a Universidade deve formar profissionais competentes, que mantenham a ordem sócio-político-econômica, dentro de uma postura política neutra.

2 — Outros defendem uma formação universitária que torne os homens capazes de transformar uma ordem econômica dada. Estas pessoas iriam buscar junto ao povo as soluções para os problemas comuns.

Diante destas linhas, qual é a nossa opção?

UM PROFISSIONAL: O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

DERMEVAL SAVIANI: Como garantir a eficácia do professor? O que a PUC pode fazer em função disso? Alguns docentes manifestam preocupações do tipo: "como dar melhor minhas aulas?"; "até que ponto sou educador?"; "como atuar para a formação de profissionais que visem à transformação social?". Nesta terceira inquietação, já se delinea a problemática política da educação, superando a função técnica. O caráter educativo, específico do magistério, implica no domínio não só do conteúdo mas do aspecto pedagógico.

Como seria recebido na PUC um serviço de ajuda pedagógica aos seus professores? No caso da criação desse serviço, pretende-se levar em conta os dois aspectos, técnico e político.

LUCRÉCIA FERRARA: Existe na relação entre a Univ. e o mercado de trabalho uma insatisfação e carência. A pesquisa cabe abrir novos caminhos alternativos. A descoberta tem inúmeros fatores: o acaso, como diz o provérbio chinês, "o que não pode ser ensinado não deve ser aprendido". Outro fator é que a Univ. não deve ensinar certezas mas refletir sobre as dúvidas, despojando-se das opiniões recebidas. A criatividade é o sinal da liberdade, suprema forma de fidelidade ao real, integradora da realidade político-econômica-social. A criatividade é uma emanção do social, depende do grau de decisão de um povo acerca de seu destino rompendo com o passado "sagrado". A inércia funciona em base ao dogma, à prudência, à autoridade, à lógica binária e à competição entre indivíduos. Contra a inércia é que se propõe um projeto de Univ. criativa, dentro da melhor antropofagia oswaldiana. Ela se ba-

seia em programas de integração interdepartamental, em temas geradores e núcleos de pesquisa, atuando dentro e fora do campus, nas fábricas, nos jornais, nas TVs., afastando-se de programas a priori e negando avaliação coercitivas.

COMPREENDER É FAZER

MÁRIO SCHENBERG: Uma das características da profunda decadência intelectual desta época é a excessiva preocupação em aprender. Caberia à Univ. dar condições para que o aluno possa tornar-se um profissional: p.ex. o que faz um matemático é a vivência da matemática, do físico a mesma coisa, etc. A escola deve formar o aluno e dar um mínimo de instrução: educar sobretudo quer dizer criar novas atitudes. O aperfeiçoamento da Univ. Brasileira passa pelo encurtamento dos cursos: só compreendemos uma coisa quando sabemos fazê-las... na Universidade não se faz.

3ª Mesa - Redonda

Formação Humanística

OS HOMENS-MASSA

ELIAS ALVES: Qual o valor da ciência especializada? Para o não-cientista, a vantagem é da tecnologia mais rapidamente desenvolvida. Mas, ajudaria ela para a explicitação do que é o homem? Favoreceria uma síntese? É preciso que o professor conheça os estreitos limites de sua matéria: o currículo como um todo deveria conduzir a horizontes mais largos. Nós, professores universitários somos homens-massa pois não conseguimos ultrapassar os horizontes limitados do nosso campo. É preciso superar o tecnicismo já no ensino secundário. Colocar algumas matérias optativas de cunho humanista não adianta: cada professor, mesmo técnico, deveria ser humanista.

SALDO MÉDIO: O VALOR DE CADA UM

DALMO DALLARI: A Universidade, envolvida pela sociedade, tem

dois momentos: à influência francesa, mais humanista, se seguiu a americana, utilitarista e formadora de tecnocratas. Os fatores que prejudicaram a formação humanista:

— preocupação quantitativa: valem pelo que temos e consumimos

— imediatismo: procura-se o que dá dinheiro rápido, inclusive na escolha da carreira. É preciso aprender hoje o que vai ser utilizado amanhã: uma aula mais abrangente e teórica não é aceita, taxada de inútil.

— exterioridade: a última moda é a melhor, por influência do capitalismo e dos meios de comunicação.

Mas, quem não tem o aparato crítico vira autômato. O universitário que recusa a formação geral faz o jogo das multinacionais. Ignorante das conseqüências sociais, alguém decidirá pelo aluno. Cabe à Univ. restaurar os valores humanos, no seu currículo para alunos e professores.

HUMANISMO DE CLASSE

PERSEU ABRAMO: "Humanismo x Pragmatismo"; essa polêmica não arrefeceu ainda. A antiga crítica ao pragmatismo é ideologicamente comprometida, pretendendo muitas vezes uma volta à educação do passado. Uma crítica "liberal" contra a educação autoritária de hoje é conservadora. O humanismo pré-64 fundava-se na aristocracia do saber, privilegiando elites sobre as massas: humanismo da classe dominante portanto.

As cunhas introduzidas na educação, depois de 64, mostram indisfarçável queda para o Pragmatismo, também de classe dominante que gera na juventude o conformismo "profissionalizante" a serviço da empresa.

A superação virá através de um novo humanismo, que tire do pragmatismo lições anti-retoricistas e anti-erudicistas; comprometido com o debate das idéias que se baseia

na democratização interna e da sociedade, dando prioridade aos problemas da maioria popular.

HUMANISMO ILUSÓRIO

YARA CORDO, representante dos alunos: Como falar de humanismo num ambiente de repressão? Professores e alunos que discutiram a realidade e lutaram pela liberdade foram punidos. Como falar em humanismo quando as entidades são invadidas ou fechadas pelas Diretorias das Facs.? Somos formados para a técnica, por currículos desvinculados da realidade do povo. A PUC é pioneira com essa Semana, cujo espírito deve ser incentivado. É ilusório falar em democratização dentro da Universidade com eleições indiretas, censura política. É preciso participarmos da vida do País e então questionarmos nosso papel de universitários. Não estamos desvinculados da sociedade, a Univ. não é uma redoma.

4ª Mesa - Redonda

Influir nos Problemas Nacionais

O FIM DO MITO-EDUCAÇÃO

JOEL MARTINS: Qual é o posicionamento da Univ. e sua contribuição dentro da política educacional brasileira? Para haver uma clareira política, uma transformação, é necessário que as pessoas se sintam livres. Houve um processo de mistificação a partir das leis de Reforma do ensino, que declararam a educação prioritária no contexto revolucionário. Mas, se é assim, então os problemas de crime, decadência urbana são insolúveis, e a educação - "prioritária" — é ineficaz. As Escolas e Universidades passam a ser consideradas marginais, sem contribuição para um mundo e até uma vida melhor. Perdeu-se a fé na educação.

Contudo, o aprimoramento educacional só se dá ligado à melhoria das condições de vida. A análise dessas contingências deve superar o preconceito de que os indivíduos sofrem a marginalidade por culpa própria.

Pensando a educação dentro da estrutu-

ra social e produzindo daí um conhecimento crítico, surgem perguntas: como nos opormos à mistificação? como dialogar com as críticas? como reconstituir o campo de liberdade pela luta educacional? como fazer a educação prioritária?

RINOCERONTES E TANQUES

GIANOTTI: O sistema está em crise, precisa resolver o problema da democracia e do modelo econômico. Mas a Univ. ficou marginalizada, não tendo nada a dizer, sem ter desenvolvido diagnósticos efetivos. Isto porque a Univ. produz profissionais fora do lugar, massificados e acostumados ao autoritarismo repressivo-burocrático interno à própria Univ.

Na luta interna pelo poder universitário, os rinocerontes uniram-se à repressão militar externa. A Univ. se burocratizou pela Reforma, e não está respondendo nem às exigências da classe dominante. Para sua regeneração, é preciso que ela pense nas suas relações internas.

RAPIDEZ DA CIÊNCIA

MARCELO DAMY: A função da Univ. é produzir conhecimentos novos. Nos últimos 100 anos foram feitas as maiores descobertas: a rapidez da ciência é tal que se transmitirmos os conhecimentos imediatos, ao se formar, o estudante estará superado. A Univ. se liga aos problemas nacionais através dos profissionais que forma além de dever criar uma tecnologia brasileira.

AUTO-GESTÃO

MAURICIO TRAGTENBERG: A crise da Univ. decorre da crise da sociedade. Ela se funda na seleção dos estudantes e na nomeação dos professores. Pela seleção se dá poder cultural a quem tem poder econômico; pela nomeação há mecanismos "invisíveis", em vez de concursos e currículos. Por estes mecanismos é desenvolvido um pensamento liberal que reproduz a ditadura, através de uma burocracia disciplinadora. Assim, ela funciona como um Aparelho Ideológico do Estado.

Contudo, a Univ. vive de uma ambiguidade pois ela reproduz mas também contes-

ta. Para romper com essa situação, ela precisa pensar suas relações internas, buscando uma auto-gestão, diferente da co-gestão que é um disfarce do poder do dono.

HÉRCULES VALIM, representante dos alunos: É como num sistema de vasos comunicantes: as transformações da sociedade refletem-se na Univ. Desta sociedade a Univ. está alijada, emasculada, com seus expoentes aposentados. A inteligência foi substituída pela mediocridade atrelada ao poder vigente. Os grandes projetos da oligarquia, como o Programa Nacional de Saúde, Programa Nuclear, não contaram com a participação da Univ. O milagre da tecnocracia se baseia sobre a filosofia da exploração das classes trabalhadoras. O autoritarismo geral se reflete na distorção da relação professor-aluno e na idéia de Univ. como comunidade. Que fazer? Através das lutas contra o aparato repressivo, pela Anistia, pela Constituição, na democracia da participação ampliada, a Universidade participa do programa da nação.

**CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS
FACULDADE DE ECONOMIA: REPRESENTANTES DIRETOS**

A Semana foi uma ocasião importante, faz tempo que não havia. Há necessidade de concretizá-la. Alguns princípios pedagógicos foram valorizados: o papel de monitores, integração da Univ. na comunidade, inter-relacionamento entre os cursos. É preciso uma revisão do currículo, abertura entre professores e alunos, abertura de matérias optativas.

Quanto a uma revisão da Univ., ela deve ser sistemática; ter resultados da Semana ampliados a toda a comunidade, inclusive ex-alunos e consagrar o princípio democrático na universidade com a escolha em via direta de representantes em todos os níveis.

FACULDADE DE DIREITO: APROXIMAR-SE DOS VALORES DO POVO

A formação do profissional do Direito é entendida num quadro de liberdade com responsabilidade, transmitindo-se a técnica jurídica baseada nos valores da justiça social. A ordem constituída está hoje a serviço do poder e da força: o ensino deve atuar pelo Estado de Direito.

Estes princípios, aplicados à realidade pedagógica da Faculdade, conduzem à exigência de professores capazes e aproximados dos valores culturais do povo em prol de uma transformação econômico-social. Na PUC, a atitude da Igreja de reconhecer a dignidade da pessoa humana deve ser seguida. Quanto à Univ. pretende-se maior democratização, interdisciplinariedade de ensino, ampliação do relacionamento aluno-professor (conhecendo-se as aspirações do aluno e dando-se melhor infraestrutura ao professor.)

CENTRO DE MATEMÁTICA E FÍSICA: PROMOVER ABERTURA CULTURAL

Os debates no Centro foram positivos pois trouxeram formas diferentes de ver a Universidade, apesar do número restrito de pessoas que participaram (média de 30 alunos e 16 profs. em 2 debates).

Partiu-se da constatação de que o aluno não tem o hábito de pensar e estudar, sendo que muitas vezes este curso não foi sua primeira opção. Torna-se necessária uma revisão no Ciclo Básico, que conta com elevado número de alunos por classe, demasiada carga horária e professores sem permanência na Faculdade. De modo geral é preciso rever os currículos para promoção também de uma abertura cultural. São propostas a valorização do Tempo Integral ou Tempo Parcial para professores, matérias optativas para abertura cultural dos alunos além de palestras e comunicação com professores de diferentes áreas. Quanto ao Centro em especial, é preciso rever os Estatutos, promover atualização didática dos professores, re-



Dermeval, Lucrécia, Santaella, Rosenberg, Schenberg, Marcos

E daí? (conclusões)

ver a parte de Secretaria, a ausência de Tesouraria e a representação a vários níveis.

CENTRO DE CIÊNCIAS MÉDICAS E BIOLÓGICAS: COMUNITÁRIA E PREVENTIVA

Que esta semana seja o início de um debate permanente, podendo-se instituir até um fórum mensal. Houve mesas-redondas com freqüência de apenas 70 alunos e 8 profs.

A discussão girou em torno da necessidade de um clima de liberdade de idéias e pesquisa que caracteriza a autonomia universitária e a franquia democrática. Para ser mais popular, a Univ. deve unir-se a forças pensantes de fora dela. Quanto ao Profissional da Saúde e sua formação, pretende-se dar ênfase à Medicina Comunitária e Preventiva, maior contato com o povo, garantir o humanismo através de contatos interdisciplinares e evitar a medicina de consumo. Incluir nos programas nacionais de saúde e para isso houve proposta de um Conselho Nacional de Faculdades de Medicina. Houve um acordo na crítica aos professores; são altamente especializados e de pouca didática — assim não atendem ao aluno. Apoiou-se a medida da Reitoria de igualar os vencimentos dos docentes na base de São Paulo fazendo cumprir também o horário.

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS: INTERDISCIPLINARIEDADE

Compõe-se de 4 faculdades e nos relatórios percebeu-se algumas constantes: educação ativa, perspectiva humanista, mais inserção que erudição e sobretudo a valorização de uma recente conquista do Centro: a interdisciplinariedade.

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS: UM DIA DE LIVRE CIRCULAÇÃO

Quanto à PUC, valorizar o contato com outras áreas, sendo sugerido até um dia semanal da PUC, com livre circulação dos alunos. Estudar-se os

estatutos para comissões paritárias — alunos, professores e funcionários — bases para uma estrutura democrática. O profissional que se quer é crítico e não do sistema. A Faculdade se propõe à discussão de projetos nacionais alternativos, fornecer subsídios para outros grupos (APROP'JC, CNBB). É preciso também estudar as condições de ensino e aprendizagem, na biblioteca, salário de professores, igualação a hora-aula à hora de contrato por tempo, adicional noturno, etc.

FACULDADE DE SERVIÇO SOCIAL: ALIVIADORES DE TENSÕES

Não se entende o Serv.Social como prática neutra. A Educação é condicionada mas também condicionante: pode ocultar as contradições mas também revelá-las. A ação com as bases populares é importante para trazer uma mudança em nossa maneira de ver a História, a vida. Rever nossa relação institucional: somos profissionais que aliviam tensões. O Serv.Social deve ser pensado para uma mudança mais ampla.

FACULDADE DE PSICOLOGIA: QUAL A IDEOLOGIA DA FACULDADE?

A quem a Universidade serve? É preciso a Faculdade explicitar sua ideologia, nos cursos e na atividade dos professores, tendo por medida o seu comprometimento. Contudo, quais as condições de comprometimento oferecidas pela Univ. quanto a contratos, convênios? Finalmente é preciso rever as teorias psicológicas, muitas vezes nascidas em outros lugares, inadequadas à nossa realidade. Já está marcada uma reunião para envolver mais pessoas, explicar planos de ação.

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E FILOSOFIA: DEMOCRACIA INTERNA, PONTO DE ESTRANGULAMENTO

O profissional que pretendemos

formar é atuante, crítico e capaz de enfrentar a competição do mercado, respeitador dos diversos níveis de linguagem. Queremos valorizar a interdisciplinariedade e a auto-gestão, já que o principal ponto de estrangulamento da PUC é sua democracia interna.

Não houve espaço para o funcionário na Semana. Alguns fizeram relatório mostrando que apenas estiveram presentes de corpo-presente sem que os debates lhes dissessem respeito. Devia haver condições materiais para sua participação na Semana.

No bojo da Semana também foi feito o "Encontro para Debater Estágio" entre os Centros de Ciências Humanas e de Educação. Foi proposto um Centro de Serviços pra a preparação de pessoal interno e prestação de serviços à comunidade.

CENTRO DE EDUCAÇÃO: REFLEXÃO CONGELADA NO DISCURSO

Foi feita uma auto-crítica, vendo problemas e alternativas. A Semana foi elaborada de cima para baixo, com deficiências nos canais de comunicação. O perigo é congelar a preocupação pela Univ. a nível do discurso apenas. Deve-se promover maior troca de experiências entre as Faculdades, revendo o processo de ensino nos seus aspectos sociais e pedagógicos. É preciso fazer o perfil concreto do pedagogo, sendo que na formação há passividade tanto discente como docente. Propõe-se comissão para dar continuidade à Semana e a mobilização dos grupos de reflexão existentes.

INSTITUTO DE ESTUDOS ESPECIAIS: TEOREMA DA CRISE EXISTENCIAL BURGUESA

É um órgão recente, vai completar 2 anos. Foi historiada a atividade do IEE. Ela mostra numa praxis que amadurece a questão central: haverá saída para a Universidade burguesa? (lembra do filme "Teorema" com sua pergunta final: "Haverá saída para a burguesia?"). A Univ. burguesa, elitista, autoritária, é empresa capitalista que nem bem serve ao Capitalismo nem consegue a ele se opor.

A Reforma da Univ. é possível: ampliar cursos e melhorar sua qualidade. Mas a reforma não basta. A transformação virá da prestação de serviços ao povo, numa linha socializante, para não dizer socialista. Como se libertar sem o povo? Só com ele, e no seu processo, é possível essa libertação. A Univ. não deve esperar o povo liberto vir tomá-la de assalto, redimindo-a finalmente: o caminho é unir-se ao povo em sua luta.



Hércules, Tragtenberg, Damy, Ana, Joel, Gianotti

FOTO FERNANDO ZANETTI

